

# Residência revista

A especialização em Oncologia Clínica passa por um processo de reformulação para melhorar a formação e a capacitação de novos profissionais, uma das diretrizes da atual Política Nacional de Atenção Oncológica, definida pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA). Ainda em 2007, a Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), órgão vinculado ao Ministério da Saúde, iniciou a reforma proposta pelo Instituto a partir do incremento curricular e da ampliação na duração do curso, de dois para três anos, que começou a valer desde o início deste ano. Desta vez, é o processo de seleção de novos residentes que entra em discussão. Algumas instituições que são referência na formação de novos profissionais da área, como a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e o próprio INCA, já incrementaram o processo seletivo que, além de avaliar o conhecimento teórico, inclui uma prova prática. A nova metodologia permite selecionar candidatos mais bem preparados para o atendimento dos pacientes, privilegiando sua real aptidão e disposição para a abordagem dos casos de câncer.

O presidente da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) do Rio de Janeiro e médico do Serviço de Oncologia Clínica do INCA, Roberto Gil, defende a mudança. Segundo ele, não basta provar competência apenas na teoria. É preciso levar em conta outros aspectos fundamentais, para o bom desempenho dessa especialidade, na qual os profissionais lidam com uma doença ainda tão estigmatizada, associada ao medo da morte. Por isso, a prática é essencial porque permite avaliar o com-

Carlos Paes



portamento diante do paciente, bem como a postura em equipe. “O residente vai enfrentar uma realidade difícil, que exige muita serenidade para enfrentar adversidades e o estresse diário, garantindo o conforto e a segurança dos pacientes”, afirmou.

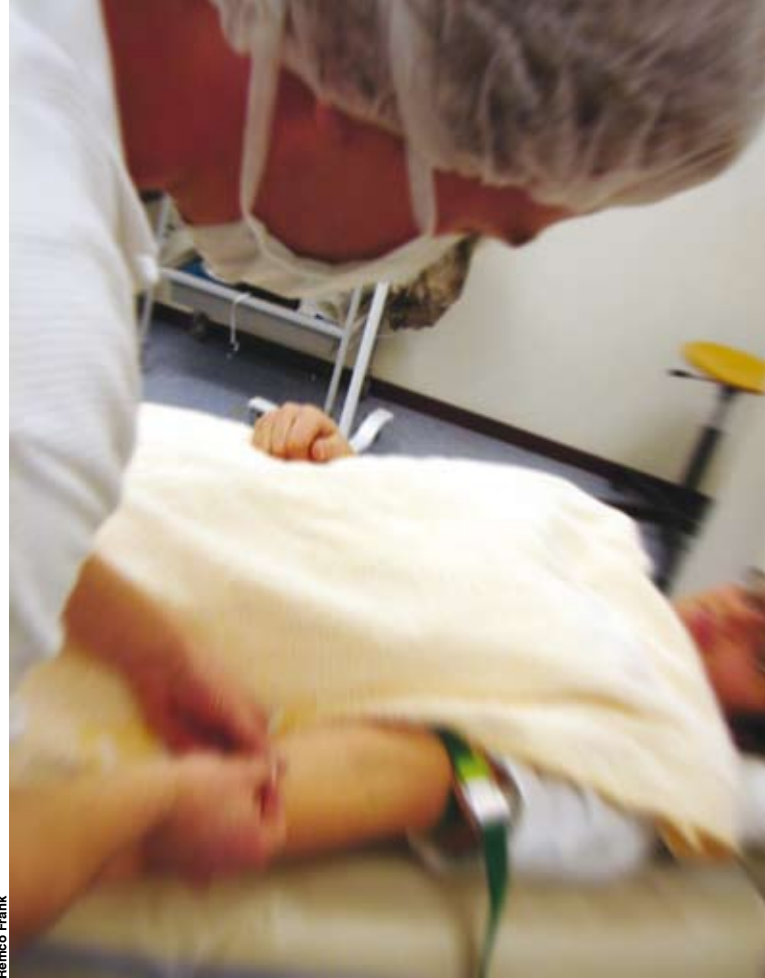
No entanto, boa parte das instituições de saúde no Brasil ainda dá maior ênfase ao conhecimento teórico na seleção dos seus candidatos. Para mudar esse quadro, especialmente na área do câncer, o INCA promoveu, em dezembro, sua primeira oficina de avaliação da Oncologia Clínica, para consolidar um modelo a ser implementado em todo o País. Realizado em parceria com a SBOC e a Secretaria de

Gestão do Trabalho e Educação na Saúde (SEGETS/MS), o evento reuniu representantes de mais de 25 instituições credenciadas pelo MEC, entre universidades, instituições públicas e privadas prestadoras de serviço ao Sistema Único de Saúde (SUS), todos na área de Oncologia Clínica, para discutir e orientar a avaliação dos futuros profissionais a partir de um perfil ideal para a especialização. Para o presidente da SBOC, a meta é estabelecer critérios de avaliação dos residentes que respeitem as diferentes realidades de cada região. “Estamos amadurecendo essa inovação, mas não é tão simples chegar a um consenso, visto que a realidade do Sul, por exemplo, é muito diferente daquela do Sudeste ou do Nordeste”, afirma Roberto Gil.

No INCA, as provas práticas já são realidade nas áreas de Fisioterapia, Oncologia Clínica, Anestesiologia, Mastologia, Medicina Intensiva e Hematologia. É o terceiro ano de seleção, com cerca de 75 residentes escolhidos por meio de provas práticas e teóricas. Ainda é cedo para falar em grandes mudanças, mas, muitas vezes, os candidatos mais bem avaliados na prova teórica não garantem as mesmas colocações na prova prática.

A prova é feita diante de uma banca examinadora composta de três profissionais experientes. O candidato faz um atendimento a um paciente voluntário do Instituto. As medidas adotadas pelo candidato são avaliadas em conjunto pelos membros da banca. Além de sentirem-se valorizados por colaborar com o processo seletivo, os pacientes sentem-se, ao mesmo tempo, mais seguros, pela certeza de que terão seus casos criteriosamente avaliados por especialistas de diferentes áreas.

Todos os setores do Instituto com interesse em aderir ao novo sistema de avaliação recebem consultoria da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), instituição pioneira na adoção das provas práticas. Em 2004, a Universidade teve sua primeira experiência na área de Medicina. Inicialmente, houve grande resistência por parte de profissionais da área, o que acabou adiando a reformulação do processo seletivo da Universidade. “O mesmo não aconteceu com os cursos de Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Enfermagem, que tiveram grandes avanços no processo de avaliação e, hoje, são referência para outras importantes instituições, como o INCA”, explica a professora da UERJ, Denise Herdy. O resultado é a parceria entre as duas instituições para a elaboração da primeira experiência de avaliação prática em cada setor do INCA, e que já começa a dar frutos. “É cada vez mais raro alunos rece-



Renato Frank

**Avaliação prática permite identificar candidatos que melhor tratam os pacientes com câncer**

berem algum ‘puxão de orelha’ por falta de interesse ou dedicação”, afirma a professora da UERJ.

Para Denise Hardy, a mudança exige mobilização, tanto das equipes quanto dos responsáveis por área. Isso porque é fundamental conhecer, além dos atributos pré-selecionados dos candidatos, as reais necessidades e demandas de cada setor.

**Referência** – Outra instituição considerada modelo para a elaboração de provas práticas de residentes é a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT) que, anualmente, recebe representantes de outras instituições interessadas na melhoria do processo seletivo. Só em 2007, foram 13 sociedades médicas e a secretaria estadual de Saúde de São Paulo.

Há 37 anos, a entidade vem aperfeiçoando sua seleção. Para se ter uma idéia da complexidade, o processo é dividido em quatro fases: prova teórica, oral (baseada em casos clínicos), exame clínico e interação com o paciente. Segundo Renato Brito Graça, da SBOT, dos mais de 600 candidatos avaliados no ano passado, 90% obtiveram aprovação. “É uma prova de suficiência que identifica se o candidato tem competência suficiente para tratar os pacientes”, afirma. ■